

UMA QUESTÃO DE OBEDIÊNCIA

SÉRIE: ATÉ OS CONFINS DA TERRA

CÓDIGO: 2900003
 TEXTO: Atos 1.12-26
 PRELETOR: Pr. Fernando Leite
 DATA: 16/09/2007
 MENSAGEM 03

Atos 1.12-26

¹²Então eles voltaram para Jerusalém, vindo do monte chamado das Oliveiras, que fica perto da cidade, cerca de um quilômetro. ¹³Quando chegaram, subiram ao aposento onde estavam hospedados. Achavam-se presentes Pedro, João, Tiago e André; Filipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelote, e Judas, filho de Tiago. ¹⁴Todos eles se reuniam sempre em oração, com as mulheres, inclusive Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele. ¹⁵Naqueles dias Pedro levantou-se entre os irmãos, um grupo de cerca de cento e vinte pessoas, ¹⁶e disse: “Irmãos, era necessário que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse por boca de Davi, a respeito de Judas, que serviu de guia aos que prenderam Jesus. ¹⁷Ele foi contado como um dos nossos e teve participação neste ministério”. ¹⁸(Com a recompensa que recebeu pelo seu pecado, Judas comprou um campo. Ali caiu de cabeça, seu corpo partiu-se ao meio, e as suas vísceras se derramaram. ¹⁹Todos em Jerusalém ficaram sabendo disso, de modo que, na língua deles, esse campo passou a chamar-se Aceldama, isto é, campo de Sangue.) ²⁰Porque, prosseguiu Pedro, está escrito no Livro de Salmos: “Fique deserto o seu lugar, e não haja ninguém que nele habite.” E ainda: “ ‘Que outro ocupe o seu lugar’. ²¹Portanto, é necessário que escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, ²²desde o batismo de João até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas. É preciso que um deles seja conosco, testemunha de sua ressurreição.” ²³Então indicaram dois nomes: José, chamado Barsabás, também conhecido como Justo, e Matias. ²⁴Depois oraram: “Senhor, tu conheces o coração de todos. Mostra-nos qual destes dois tens escolhido ²⁵para assumir este ministério apostólico que Judas abandonou, indo para o lugar que lhe era devido”. ²⁶Então tiraram sortes, e a sorte caiu sobre Matias. Assim, ele foi acrescentado aos onze apóstolos.

INTRODUÇÃO

Entre a ressurreição de Jesus Cristo e a Sua ascensão aos céus, Ele esteve com Seus discípulos durante quarenta dias e lhes deu orientações claras. A partir de Atos 1.12, podemos ver qual foi a reação deles depois das orientações dadas pelo Senhor. No versículo 12, é dito: *Então eles voltaram para Jerusalém vindo do monte chamado das Oliveiras, que fica perto da cidade, cerca de um quilômetro.*

Entre o Monte das Oliveiras e o muro que cercava a cidade, existia o vale do Cedron. As Escrituras dizem que essa distância era a jornada de um dia de sábado, ou seja, 2 mil côvados, o equivalente hoje a 1km.



O Monte das Oliveiras tinha cerca de 120m de altura e o seu ponto mais alto em relação à cidade tinha 160m. Ainda hoje existem lá algumas oliveiras com mais de 2.000 anos, que “testemunharam” os acontecimentos daquele período.



No texto que vamos estudar, figuram vários grupos de pessoas:

1º Grupo: Os apóstolos com exceção de Judas. At 1.13: *Quando chegaram, subiram ao aposento onde estavam hospedados. Achavam-se presentes Pedro, João, Tiago e André; Filipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelote, e Judas, filho de Tiago.*

Há muita especulação e teorias sobre que aposento seria esse. De qualquer forma, sabemos quem eram as pessoas que lá estavam reunidas: Pedro, João, Tiago e André, Felipe, Tomé, Bartolomeu e Matheus, Tiago filho de Alfeu, Simão o Zelote, Judas filho de Tiago. Ou seja, todos os apóstolos com exceção de Judas, que havia sido o traidor, e que será alvo desse nosso estudo.

2º Grupo: As mulheres. Há um segundo grupo, além dos onze, chamado de “as mulheres”. Todos eles se reuniram sempre em oração, com as mulheres, inclusive Maria. Lucas já havia feito menção delas anteriormente no seu evangelho, no capítulo 8.2-3:... *e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças, Maria chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios; Joan, a mulher de Cuza, administrador da casa de Herodes; Suzana, e muitas outras, as quais lhes prestavam assistência com os seus bens “.*

Portanto, havia naquele lugar não somente os apóstolos reunidos, mas também mulheres, que, observe-se, ajudavam a sustentá-los com seus bens. Tratava-se de um grupo de mulheres, algumas delas bem situadas socialmente, que tinham recursos e apoiavam a causa do Senhor. Mas não eram somente esses, havia outro grupo.

3º Grupo: A família biológica de Jesus: At 1.14: *Todos eles se reuniam sempre em oração, com as mulheres, inclusive Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele.* Veja: primeiro os apóstolos, segundo as mulheres, e o terceiro grupo, a família de Jesus: Maria, a mãe de Jesus, com os irmãos dEle.

Em alguns ambientes religiosos, há já alguns séculos, se enfatiza que Jesus não tinha irmãos, que a Sua mãe tinha alguma ascensão sobre Ele e um poder de intermediação diante de Deus. Mas, não é isso o que as Escrituras dizem. Certa ocasião, Marcos nos conta (Mc 3.31-32): ³¹*Então chegaram a mãe e os irmãos de Jesus. Ficando do lado de fora, mandaram alguém chamá-lo.* ³²*Havia muita gente assentada ao seu redor; e lhe disseram: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te procuram”.* De alguma maneira, a família de Jesus, principalmente Seus irmãos, não aceitava algumas coisas que Ele fazia. Algumas vezes, chegaram a classificá-LO como alguém que estivesse fora de si. Nesta passagem, parece, pela atitude da mãe e dos irmãos, que eles julgavam ter alguma ascensão sobre o Senhor Jesus Cristo, de dizer o que Ele devia ou não fazer. A resposta de Jesus foi (Mc 3.33-35): ³³*“Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?”*, perguntou ele. ³⁴*Então olhou para os que estavam assentados ao seu redor e disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos!* ³⁵*Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.* Jesus não aceita aquele tipo de pretensão autoridade sobre Ele quando ganha a Sua

independência e passa a desenvolver o Seu ministério. Em nenhum outro lugar das Escrituras, nós vamos ver de novo, depois do livro de Atos, Maria se apresentando e fazendo qualquer coisa, nem tão pouco nas epístolas que estão no Novo Testamento. Ela não tinha posição de mediadora. Há um só mediador entre Deus e os homens: Cristo Jesus, homem (1 Tm 2.5).

4º Grupo: Os discípulos. Por fim, em Atos 1.15 lemos: *Naqueles dias, Pedro levantou-se entre os irmãos, um grupo de cerca de 120 pessoas...* Somando os apóstolos, as mulheres, a família de Jesus e outros que certamente eram discípulos, nós encontramos um grupo de 120 pessoas. Originalmente, os irmãos de Jesus não creram nEle. Ele precisou morrer e ressuscitar e só então passaram a crer. O que nós podemos tirar dessa experiência?

Na reflexão que segue, eu gostaria que olhássemos para este texto sem focalizar tanto as dificuldades que ele apresenta e pelas quais vou passar rapidamente. Por exemplo, neste texto, os discípulos escolhem alguém para substituir Judas. Eles deveriam mesmo substituir Judas? Não sei, não há nenhuma orientação nesse sentido. Eles andaram quarenta dias com Jesus. Jesus poderia ter escolhido um décimo segundo apóstolo antes da Sua ascensão, mas não escolheu. Talvez, Jesus tenha deixado alguma orientação nesse sentido. Não se sabe. Contudo, por falta de informações, eu não ousaria trabalhar com a hipótese de que eles estivessem certos ou errados. Eu me inclino até a pensar que eles estavam equivocados quanto a isso. Mas longe de mim querer afirmar uma coisa dessas categoricamente. Não tenho condições. Na verdade, o que eu gostaria é que olhássemos para este texto e percebêssemos algumas coisas em relação à vontade de Deus. Isso era a realidade deles e isso faz parte da nossa realidade.

O que pretendo nesta mensagem é focalizar **casos que revelam perspectivas básicas sobre a relação do homem com a vontade de Deus.**

Muitos, certamente, já vivenciaram a experiência de olhar para o que estão vivendo e questionar se esta é a vontade de Deus na sua vida. Alguns, talvez, questionem especificamente: “Qual é a vontade de Deus para mim? Faço vestibular ou não? Estudo em qual escola? Devo aceitar esse trabalho?” Eu gostaria, assim, de focalizar dois casos que envolvem os temas obediência e desobediência a Deus

PRIMEIRO CASO: JUDAS – DESOBEDIÊNCIA

Ele esteve no meio dos discípulos de Jesus, foi reconhecido e contado como discípulo de Jesus. Era alguém que tinha uma responsabilidade especial no grupo de discípulos, uma vez que era ele quem cuidava das finanças do grupo. E foi ele quem traiu Jesus e depois se suicidou. Acho conveniente tratar desse assunto porque, no ano passado, houve um grande frenesi na mídia pelo fato de ter sido encontrado, traduzido e disponibilizado para o público o “Evangelho de Judas”, como se fosse um texto escrito pelo próprio Judas. Na verdade, o livro em questão foi escrito por volta do segundo ou terceiro século da era cristã. Tem um conteúdo bem maduro de gnosticismo, que era um tipo de

pensamento filosófico que existiu em sua maturidade apenas no segundo e terceiro séculos. O “Evangelho de Judas” é mais um desses casos de pseudo-epigrafe: alguém escreve um livro e coloca-o em nome de outra pessoa. Afinal de contas, colocando-se um nome como “Livro de Judas”, ganha-se a chance de vender bem o livro, de tornar essa obra bastante conhecida.

A obra tem algo de interessante porque, de certa forma, ela questiona se Judas tinha alguma culpa no que fez. Afinal, ele era de alguma maneira um instrumento de Deus. Desta forma, o livro propõe que ele não tinha culpa nenhuma, está livre de condenação e, portanto, com o céu garantido. Por quê? Porque ele não fez nenhum mal, ele só fez um bem: cumpriu com a vontade de Deus de trair Jesus para que Ele fosse morto pelos nossos pecados. Este é o pensamento gnóstico que vemos presente dentro do livro de Judas, ou seja, nesta farsa que compõe o “Livro de Judas”.

Vamos, então, observar este caso e ver o que temos a destacar sobre a desobediência de Judas. Em At 1.16, lemos: ... e [Pedro] disse: “Irmãos, era necessário que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse por boca de Davi, a respeito de Judas, que serviu de guia aos que prenderam Jesus...” Observe que, na exposição de Pedro, o que Judas fez foi predito nas Escrituras. Davi havia profetizado acerca do que estava acontecendo. O texto diz que “era necessário que se cumprisse...” Isso pode sugerir então que Judas não tinha escolha: algo fora profetizado e ele não podia desobedecer porque era necessário que se cumprisse a profecia. A traição não seria de responsabilidade dele, seria de responsabilidade de Deus. Judas teria sido só um instrumento, portanto, merecia ser absolvido. Seria isso mesmo? Será que o que nós fazemos de errado está justificado quando traz como consequência alguma coisa boa para o outro? Será que ao irritar e provocar pessoas, Deus vai ver você como uma bênção para essas pessoas porque crescem com a provação que você significa na vida delas?

Em At 1.17, o texto continua: *Ele foi contado como um dos nossos e teve participação neste ministério.* Judas foi contado como parte dos doze, embora ele, de fato, não fosse um dos doze. Por que? Em João 13.11, é dito: *Pois ele [Jesus] sabia quem iria traí-lo e por isso disse que nem todos estavam limpos.* Nesse versículo, fazendo referência a quem já havia sido purificado, Jesus diz: “Judas é uma exceção.” Portanto, ele era contado como um dos doze discípulos, mas ele não era um dos doze discípulos. Por uma razão que veremos adiante, Judas era alguém que estava ali por conveniência, mas ele não era parte daquele grupo. Ele chegou a se envolver, participar da atividade ministerial, mas ele não era efetivamente parte daquele grupo.

No nosso texto de Atos, Pedro continua e apresenta três aparentes contradições sobre as quais quero mencionar umas poucas coisas (At 1.18): *Com a recompensa que recebeu pelo seu pecado, Judas comprou um campo. Ali caiu de cabeça, seu corpo partiu-se ao meio, e as suas vísceras se derramaram.* Aparentemente, não é possível conciliar esta apresentação dos fatos em Atos e a apresentação que é feita nos Evangelhos, onde nós vamos encontrar (Mt 27.5): *Então*

Judas jogou o dinheiro dentro do templo e, saindo, foi e enforcou-se. Ele se enforcou ou se atirou? Caiu de cabeça? Rompeu-se ao meio? Em primeiro lugar, ele poderia ter se enforcado num lugar cujo galho não tivesse suportado e então ter caído e ter acontecido o resto. Em segundo lugar, existia uma prática naqueles dias, pela qual o arrependido cortava seu abdômen, tirava suas vísceras, amarrava em algum lugar e se enforcava nelas. Ele poderia ter feito isso, de forma que seria possível conciliar os dois textos. Talvez você possa dizer que, mesmo assim, não consegue conciliar. Não tem problema: o importante é você partir do pressuposto de que tanto Mateus quanto Lucas escreveram a verdade, porque eles escreveram inspirados da parte de Deus.

Mas há ainda uma pergunta: Quem foi que comprou o campo? Em At 1.18, é dito: *Com a recompensa que recebeu pelo seu pecado, Judas comprou um campo.* Mas em Mateus 27.6-7, lemos: *Os chefes dos sacerdotes ajuntaram as moedas e disseram: “É contra a lei colocar este dinheiro no tesouro, visto que é preço de sangue”. Então decidiram usar aquele dinheiro para comprar o campo do Oleiro, para cemitério de estrangeiros.* Quem comprou o campo, as autoridades judaicas ou Judas? De fato, a operação não poderia ter sido feita por Judas, pois ele logo se suicidara. Contudo, pela lei judaica aquele dinheiro era um dinheiro de maldição, que não podia ser usado para outro fim e, legalmente, o que quer que fosse feito com ele, era de Judas. Assim, operação da compra fora feita pelas autoridades judaicas, mas como o dinheiro era de Judas, em última instância a compra era de Judas. Há uma aparente contradição, mas temos que entender que ambos os textos foram inspirados e contam pelo menos uma parte da história.

Temos, por fim, uma terceira dificuldade. Em At 1.19, é dito: *Todos em Jerusalém ficaram sabendo disso, de modo que, na língua deles, esse campo passou a chamar-se Aceldama, isto é, campo de sangue.* A questão aqui é por que este campo para a se chamar Aceldama. Qual era a razão para isso, seria por causa do que acontecera a Judas ou era por causa do que aconteceu ao Senhor Jesus? Teria sido a área em que Jesus morreu que foi chamada de Aceldama ou o campo que Judas comprou? Na verdade, poderia ter sido o mesmo lugar. Podemos não ter certeza de como se conciliam essas aparentes dificuldades, mas uma coisa sabemos: esses textos foram inspirados e falam a verdade. Em At 1.20, o texto continua: *“Porque”, prosseguiu Pedro, “está escrito no Livro de Salmos: ‘Fique deserto o seu lugar, e não haja ninguém que nele habite’; e ainda: ‘Que outro ocupe o seu lugar.’”* Agora, observe o que Pedro havia dito no versículo 18: *Com a recompensa que recebeu pelo seu pecado...* Ele classifica o que Judas fez como pecado. Ou seja, Judas não estava ali diretamente como instrumento de Deus.

Os estudiosos listam seis possíveis razões que teriam levado Judas a trair Jesus. Eu gostaria que você se questionasse se não usa esse mesmo tipo de argumento. As razões apontadas são as seguintes:

1- Judas era chamado de Judas Iscariotes. Isto poderia indicar sua origem pois Iscariotes, em hebraico *ish Qeryoth*, significa justamente “homem de Queriote”. Queriote não

ficava na Galiléia. Portanto, não sendo dali, ele não tinha tanta identidade com os demais discípulos. Ele se sentia à parte e, então, movido por inveja, por não ter influência e não ser tão íntimo das pessoas, ele teria optado por um ato de retaliação, amargurado.

2- O nome “Iscariote” poderia indicar também ser Judas membro de um grupo terrorista que buscava a independência da nação. Assim, com sua atitude, ele teria tentado salvar um movimento de libertação. Ele acreditava que, através de Jesus, Israel poderia ser libertado do jugo romano. Talvez achasse que as coisas estavam um pouco frias e então teria agido como um rebelde que, levando Jesus à ameaça de morte, provocaria em Jesus uma reação forte, forçando-O também a assumir esta posição rebelde. Sua motivação seria então provocar Jesus com seu ato para que Ele tomasse uma atitude e levasse à frente um movimento de libertação.

3- Jesus sabia quem era Judas e sabia o que se passava em seu coração. Isso envergonhava Judas e o constrangia. Como ele poderia resolver uma culpa como essa? Trata com um terceiro, que mata quem sabe quem ele é. E aí fica livre dessa culpa.

4- Há também a possibilidade de buscar matar Jesus por ganância. Ele tinha a possibilidade de fazer uma barganha interessante, ajudando a identificar alguém (Jesus) numa hora crítica. Por este simples ato, ele poderia receber o salário de seis meses.

5- Como membro de um movimento terrorista nacionalista, ele esperava que se tomasse o poder com violência. Quando percebeu que Jesus não iria ajudar nesse propósito, ele resolve eliminar Jesus para continuar com seu projeto de independência nacional.

6- Há várias possibilidades: salvar a nação, salvar a si mesmo, manutenção do seu partido, preservação da sua reputação. Deve-se entender, contudo, que qualquer motivação que Judas tivesse, era uma intenção de origem maligna. No seu coração havia uma proposta maligna. Ele tinha alguns fins e estava tentando usar os seus meios para alcançar os seus fins.

Assim, ele até poderia ser, de uma certa perspectiva, um ingênuo, mas de todo modo, ele era útil nas mãos de Satanás. E, nessas condições, acaba sendo também útil nas mãos de Deus, com o propósito que Ele soberanamente já definiu que iria fazer. Se não tivesse sido Judas, outra pessoa que também estivesse desalinhado com Deus, outra pessoa ingênua, maligna, poderia cumprir com o propósito que Deus tinha.

O problema de Judas é que ele já tinha uma postura contrária à vontade de Deus. Ele sabia o que queria, sabia o que era melhor para sua nação e como conduzir o movimento de libertação. Ele sabia, queria e não se importava com o que Deus quisesse. Para ele, o seu propósito justificava o que fazia. Será que isso é tão diferente de nós? Quantas vezes não fazemos coisas que não estão alinhadas com a vontade de Deus, não são importantes para o Reino de Deus, não partem da orientação de Deus, mas apenas porque achamos: “Isso é bom, vale a pena fazer isso, justifica-se fazer isso”?

SEGUNDO CASO: APÓSTOLOS – OBEDIÊNCIA

Vamos estabelecer agora um contraste da conduta rebelde de Judas com o próximo caso, que é o de obediência dos apóstolos. Observe o que lemos em At 1.4: *Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual lhes falei.”* Ao ouvirem essa ordem de Jesus, os apóstolos poderiam tratá-la de diferentes maneiras. Eles poderiam dizer: “É inseguro ficar em Jerusalém. Vamos cair fora daqui. A coisa está fervendo e o Senhor não está mais conosco.” Mas o Senhor havia dito a eles: “Fiquem em Jerusalém”. O que eles decidiram fazer diante da orientação do Senhor? Atos 1.12: *Então eles voltaram para Jerusalém, vindo do monte chamado das Oliveiras...* Portanto, os discípulos expressaram o seu alinhamento com a vontade de Deus pelo fato de que uma simples instrução como “Permaneçam em Jerusalém” foi obedecida. Poderiam ter feito inúmeras considerações, mas Jesus disse “Fiquem em Jerusalém” e eles ficaram.

Em segundo lugar, eu percebo que eles estavam atentos ao que as Escrituras diziam. Nós, naturalmente, não teremos oportunidade de receber do Senhor Jesus alguma orientação específica nesta vida como: “Fica em Jerusalém, vai pra cá, vai pra lá.” É pouco provável que isso aconteça. Entretanto, nós temos as Escrituras. Observe a atitude Pedro (At 1.16): *... e [Pedro] disse: “Irmãos, era necessário que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse por boca de Davi, a respeito de Judas, que serviu de guia aos que prenderam Jesus”.* Pedro começa aqui a lançar mão das Escrituras, primeiro, para entender o que aconteceu no caso de Judas, segundo, para estabelecer o que devia ser feito. Observe o que ele diz no versículo 21: *“Portanto, é necessário que escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós”.* Eles conseguem entender a situação pelas palavras de Davi nos Salmos. Eles conheciam as Escrituras! Estava explicado: as Escrituras falavam da traição, falavam que um deles iria cair e, de fato, caiu. As Escrituras também falavam que alguém tinha que ser recolocado no lugar de Judas. Eles tinham o respaldo das Escrituras e eles conheciam o que Jesus falara (Mateus 19): *“Digo-lhes a verdade: Por ocasião da regeneração de todas as coisas, quando o Filho do Homem se assentar em seu trono glorioso, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel”.* Eles se lembravam dessas palavras de Jesus. Os apóstolos iriam julgar a partir de doze tronos. Faltava um apóstolo e eles concluem: “Nós vamos escolher um e vamos colocá-lo aqui”. Ou seja, eles estavam alinhados com o que Jesus havia falado e, assim, nós os vemos alinhados com o que dizem as Escrituras.

Eles ainda consideram neste texto os critérios para que a pessoa a ser escolhida preenchesse essa décima segunda vaga (At 1. 21-22) *Portanto, é necessário que escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, desde o batismo de João até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas. É preciso que um deles seja conosco testemunha de sua ressurreição.* Observe: dois critérios foram empregados para

a escolha do décimo segundo apóstolo: 1) devia ser alguém que viveu com Jesus e conheceu a Sua história, e 2) alguém que participou da Sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão. Essa pessoa precisava ter sido testemunha desses fatos. Por conta disso, eles escolheram dois nomes (At 1.23): *Então indicaram dois nomes: José, chamado Barsabás, também conhecido como Justo, e Matias.* Esses homens estavam alinhados ou buscavam estar alinhados com a vontade de Deus. Nos versículos seguintes, é dito: ²⁴*Depois oraram: “Senhor, tu conheces o coração de todos. Mostra-nos qual destes dois tens escolhido ²⁵para assumir este ministério apostólico que Judas abandonou, indo para o lugar que lhe era devido”.* E aí fizeram uma coisa que eu acho que não vale para nós: ²⁶*Então tiraram sortes, e a sorte caiu sobre Matias. Assim, ele foi acrescentado aos onze apóstolos.* Pode nos parecer estranho esse método de escolha de liderança da igreja, mas naqueles dias esse era o padrão. Colocavam os nomes dentro de um vaso, balançavam o vaso até que um nome saísse e aquele que saiu é o escolhido. Baseados nessa prática judaica, comum naqueles dias, eles fizeram a escolha. Em Provérbios 16.33, nós vemos: *A sorte é lançada no colo, mas a decisão vem do Senhor.* Esta era a visão: se poderia lançar a sorte, balançando o vaso para que uma opção ou outra caísse, mas dizendo: “Temos que confiar que este é um ato soberano de Deus e esta é a vontade de Deus para nós.” Pela tradição, sabemos que Matias foi missionário na Etiópia e teve um ministério reconhecido como tal.

Podemos questionar por que o Senhor não escolheu esse décimo segundo apóstolo durante os quarenta dias em que esteve com os discípulos? Não sei. O Senhor deu orientações específicas a eles? Não sei. Seria Matias, de fato, o décimo segundo apóstolo, ou teria sido Paulo? Não sei. O que sei é que Atos foi escrito por Lucas, um amigo de Paulo, e no livro inteiro, em nenhum momento, nem Paulo e nem Lucas reivindicam a décima segunda cadeira do apostolado. Nem todas as coisas dessa história são simples de entender. Talvez algumas sejam difíceis de aceitar, mas uma coisa precisamos aprender: aqueles homens tinham o coração alinhado com a vontade de Deus, conheciam as Escrituras, registraram o que Jesus falou, obedeceram, e oraram buscando a direção do Senhor. Isso não significa agir com ignorância, falta de conhecimento, nem, por outro lado, ter a garantia de que sempre se vai acertar. Mas, ao longo da nossa caminhada, nós percebemos Deus acertando os caminhos, as escolhas e as definições da vida.

CONCLUSÃO

Nesta mensagem, vimos dois padrões de conduta em relação à vontade de Deus: o de Judas e o dos apóstolos. De que é que isso nos vale nos dias de hoje? A partir desta reflexão, eu gostaria de alertar para alguns perigos. Em primeiro lugar, quero alertar para o perigo de tentarmos adaptar Deus às nossas próprias intenções ou propósitos. “Ah! Senhor, que seja feita a Tua santa vontade... contanto que...” Não é você quem define o que há de acontecer. Se você está agindo, tentando fazer com que Deus se amolde ao seu padrão,

às suas intenções, aos seus interesses e vontades, você está seguindo o padrão de Judas, e vai caminhar para o remorso e a frustração. Ao contrário de Judas, você deve buscar o modelo dos discípulos, que é o de conhecer as Escrituras, de ouvir especificamente o que Jesus falou, de ter espírito de obediência e oração, e de buscar fazer a vontade do Senhor.

Em segundo lugar, eu coloco aqui um segundo risco que é o de resistir à Palavra de Deus obstinadamente. O que eu quero dizer com isso? Temo que, ao colocar a situação desta forma, eu esteja restringindo isso a uma postura ostensivamente rebelde. Mas não é só como resistência ostensiva a alguma coisa que eu sei que Deus falou que eu assumo esta postura. Isso ocorre também quando eu voluntariamente me torno indiferente ao que Deus falou, ou nem mesmo busco saber o que Ele falou. Quando você não busca saber o que Deus pensa, quando você não busca ler, nem estudar e compreender as Escrituras para saber o que está no coração de Deus, naturalmente você está com os seus ouvidos abertos para saber o que vem do seu coração, da televisão, da revista, do jornal, do mundo. Mas bem diz o salmista no primeiro salmo: *Feliz é o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores, mas o seu prazer está na lei do Senhor.* A palavra *lei* foi alvo do meu estudo durante esta semana. É uma das palavras do Antigo Testamento que tem vários sentidos possíveis, mas, a rigor, tem a ver com tudo aquilo que saiu da boca de Deus: as orientações e decisões que vieram de Deus, a cultura que Deus estabeleceu para o seu povo. E parte desta cultura é ouvir o que Deus fala através das Escrituras. Se formos indiferentes ao que Deus fala, certamente vamos colher frutos dessa atitude.

Portanto, há o perigo de querermos adaptar Deus às nossas próprias intenções e o perigo de resistirmos à Palavra de Deus. Mas há também o perigo de empregarmos os nossos próprios meios para uma “finalidade correta” ou pelo menos imaginada como tal. Vou dar um exemplo chocante: numa igreja que conheci, descobriram que uma fonte das contribuições que a igreja recebia vinha de uma mulher que tinha um bordel. A intenção era boa, mas o meio não era o de Deus. Da mesma maneira, muitas vezes, nós estamos querendo até algumas coisas boas, mas lançando mão de meios que não são os de Deus. Deus não precisa da sua ajuda como iníquo para cumprir o propósito dEle. Se você for um iníquo como Judas, Ele até poderá usá-lo, mas isso não o exime da culpa. Vamos lembrar o que Samuel disse para Saul (1 Sm 15.23): *Pois a rebeldia é como o pecado da feitiçaria, e a arrogância como o mal da idolatria. Assim como você rejeitou a palavra do Senhor, Ele o rejeitou como rei.* Qual havia sido o erro de Saul? Quando da luta contra os amalequitas, Deus havia mandado Saul eliminar tudo. Não devia deixar nada daquele povo, nem mesmo os animais, mas Saul viu algumas das ovelhas e achou que eram boas, de raça, fortes, saudáveis. “Ah, isso eu vou deixar, isso vai ser sacrifício para o Senhor”. Mas o Senhor diz: “Obediência vale muito mais que um ato como este, rebelde, de tentar fazer um ‘bem’ para Deus.” Deus não precisa da sua desobediência para alcançar o Seu propósito.

Temos aqui dois modelos: o de Judas e o dos discípulos. Um querendo fazer com que Deus se adapte a ele, e outro querendo descobrir na Palavra qual é o padrão de Deus para eles. Onde é que você está nesta história? Algumas vezes, eu tenho tentado adaptar Deus à minha vida, mas Ele me diz: “Fernando, não adianta. É você quem tem que mudar o seu rumo. É você quem tem que mudar o seu foco. É você que tem que mudar o seu ponto de vista.” O que vale é a opinião de Deus.

Quero terminar esta mensagem com uma ilustração. No período da Segunda Guerra Mundial, uma armada americana se dirigia rumo ao Canadá pelo Atlântico, quando alguma coisa foi detectada no radar. O comandante da armada, entrando em contato pelo rádio, dizia: “Aqui é tal frota americana, capitaneada pelo porta-aviões tal. Por favor, mude seu rumo para a direção tal.” Do outro lado, um canadense disse: “Mudem vocês a rota.” E de novo veio a advertência: “Aqui é a frota tal, saia do rumo dessa frota e dirija-se para tal lugar.” De novo, o canadense do outro lado disse: “Mudem vocês a sua rota.” E finalmente, do porta-aviões veio uma ameaça: “Você muda de rota ou nós vamos bombardeá-lo.” E o canadense do outro lado diz o seguinte: “Mas aqui é o farol!” Algumas vezes, nós estamos querendo que Deus mude. Ele não vai mudar. Você pode ameaçar, mas Ele não vai mudar. É você quem tem que conhecer a vontade dEle para adaptar a sua conduta e obedecer. Ele é o Farol.

Vamos orar: *Pai Celestial, quero Te agradecer pela oportunidade tão clara de ver dois exemplos tão opostos, mas que tantas vezes estamos tentando, numa diplomacia iníqua, conciliar em nossa vida: o que nós queremos, os nossos pecados, e a Tua vontade, a Tua soberania. Desperta-nos, ó Pai. Faze-nos perceber que Tu és o Farol, que as Tuas Escrituras são as que valem para sempre. Eu oro, ó Pai, em nome de Jesus, Amém.*